

# A GÊNESE DO LIVRO PRIMOGÊNITO DE PRIMO LEVI

Aislan Camargo MACIERA\*

- **RESUMO:** A literatura de Primo Levi remete-nos à sua prisão em um dos campos de concentração nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. O químico italiano de origem judaica vive quase um ano como prisioneiro dos alemães no campo de Monowitz (Auschwitz III), e sobrevive graças, segundo ele próprio, a uma série de fatores que se conjugaram e determinaram a sua volta para casa. Sua literatura nasce exatamente dessa experiência: a memória e a necessidade de narrar, aliadas à sua formação como químico e à mente humanista e científica, são o ponto de partida de uma obra que marcará decisivamente o século XX e o transformará em um dos principais autores italianos do *Novecento*. O presente artigo pretende expor a gênese da literatura de Primo Levi, abordando os primeiros textos escritos pelo autor entre 1945 e 1947, ano de lançamento da primeira edição de *É isto um homem?*, para depois tratar da história da primeira publicação pela grande editora Einaudi, em 1958.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Narrativa Italiana. Primo Levi. Literatura de Testemunho. Memória.

## Antes do livro

Em 27 de janeiro de 1945, o Exército Vermelho invade e liberta o maior campo de concentração mantido pelos nazistas durante a Segunda Guerra, o complexo de Auschwitz-Birkenau. Após serem libertadas, as vítimas, de diferentes origens e nacionalidades, foram levadas pelos soviéticos a outros campos, conhecidos como campos de trânsito, nos quais deveriam aguardar a sua volta definitiva para casa. Grande parte dos ex-prisioneiros italianos tiveram como destino o campo de Katowice, na Polônia, onde permaneceram por um longo período sob a tutela dos russos. Foi nesse campo que o médico cirurgião turinense Leonardo De Benedetti, e seu conterrâneo e companheiro de deportação, o jovem químico Primo Levi, se reencontraram. Os dois haviam se conhecido no final de 1943, em outro campo de trânsito, o campo de Fossoli, próximo à cidade de Modena, no norte da Itália. Ambos tinham sido presos pela milícia fascista naquele turbulento mês de dezembro: De Benedetti fora capturado em uma tentativa de fuga para a Suíça, junto com

---

\* USP – Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Pesquisador de Pós-Doutorado na área de Língua, Literatura e Cultura Italianas. Bolsista CAPES/PNPD. São Paulo - SP - Brasil. 05508-080 - aislan@usp.br.

Artigo recebido em 30/07/2019 e aprovado em 20/09/2019.

a esposa, Jolanda; Levi fora preso junto a um grupo de *partigiani* iniciantes, em Aosta. Ambos seriam deportados pela sua origem judaica ao campo de Monowitz, no complexo de Auschwitz-Birkenau, e de lá seriam libertados quase um ano depois.

Levi e De Benedetti escreveram, durante o período em que permaneceram em Katowice, e a pedido do Comando Russo, um relatório sobre a organização higiênico-sanitária de Monowitz. Conforme afirmam na introdução do texto, que seria no ano seguinte publicado na Itália, o governo de Moscou pediu relatórios semelhantes àquele a muitos médicos que tinham sido libertados de outros campos de concentração. O *Rapporto sulla organizzazione igienico sanitaria del campo di concentramento per Ebrei di Monowitz (Auschwitz-Alta Slesia)* foi redigido a quatro mãos na primavera de 1945, antes da volta dos autores para Turim. A cópia que lhes foi concedida serviu como base para a versão que seria publicada, no segundo semestre de 1946, na revista *Minerva Medica*<sup>1</sup>.

Leonardo De Benedetti<sup>2</sup> continuou sua vida como médico em Turim, optando pela discrição e por poucas aparições públicas para falar da experiência vivida como prisioneiro dos nazistas ou, como destaca sua biógrafa, preferiu ter sua experiência para si, por pudor, e permanecer na sombra (SEGRE, 2008). O químico Primo Levi não. A experiência vivida, a memória e a necessidade de narrar fizeram com que se transformasse em um dos principais escritores do século XX, referência central no que diz respeito ao testemunho do sobrevivente da *Shoah*. Aquele relatório entregue aos russos, apesar de predominantemente técnico, era a semente, a gênese de uma literatura que se tornaria indispensável para compreender um dos eventos mais decisivos da história da humanidade.

No *Relatório sobre a organização higiênico-sanitária do campo de concentração para judeus de Monowitz (Auschwitz — Alta Silésia) [1945-6]*<sup>3</sup>, os autores procuram manter o distanciamento técnico, e expõem detalhadamente, através de um olhar destacado, a viagem até o campo, a chegada, a detenção, as condições alimentares e de trabalho dos deportados. O relatório transmite a realidade de Auschwitz no que diz respeito às condições de tratamento dos prisioneiros, e de higiene e saúde, através de sua riqueza de detalhes: como era distribuído o escasso alimento, e como a água era ainda mais escassa, desde o trem que os levaram até o cotidiano do próprio campo; como eram os alojamentos, as roupas, a limpeza – ou a falta dela –, as regras de higiene; e se detém significativamente na descrição das câmaras de gás e no processo de cremação dos corpos, o que não seria descrito em *É isto um homem?* e somente voltaria a ser tratado em seu último livro, *Os afogados e os sobreviventes*, quarenta anos mais tarde. O *Relatório sobre Auschwitz* é uma espécie de embrião, um laboratório de escrita para Primo Levi.

<sup>1</sup> *Minerva Medica*, XXXVII, luglio-dicembre 1946, p. 535-544.

<sup>2</sup> De Benedetti nasceu em 1898 em Turim e era, portanto, de uma geração anterior à de Levi. Médico de formação, também de origem judaica, foi proibido pelas leis raciais de 1938 de exercer sua profissão. Em dezembro de 1943 tenta fugir para a Suíça, quando é capturado e enviado ao campo de Fossoli, e depois para Auschwitz. Sua esposa foi selecionada para a câmara de gás no mesmo dia em que chegou, 26 de fevereiro de 1944.

<sup>3</sup> O texto foi publicado no Brasil no volume *Assim foi Auschwitz*, editado pela Companhia das Letras em 2015, com tradução de Federico Carotti. O volume traz, essencialmente, uma série de artigos, a maioria de Levi, cuja temática é a deportação e o *Lager*.

Na primeira publicação do artigo na Itália, os autores iniciam:

Graças à documentação fotográfica e às declarações agora numerosas fornecidas por ex-internos dos diversos campos de concentração criados pelos alemães para a aniquilação dos judeus da Europa, talvez não exista mais ninguém que ainda ignore o que foram aqueles locais de extermínio e quais as torpezas lá praticadas. Todavia, com o objetivo de ampliar o conhecimento dos horrores, de que nós também fomos testemunhas e com frequência vítimas durante um ano, cremos ser útil trazer a público o relatório que apresentamos ao governo da URSS, por solicitação do Comando Russo do campo de concentração de Kattowitz para italianos ex-prisioneiros. Ficamos abrigados nesse campo após nossa libertação, efetuada pelo Exército Vermelho no final de janeiro de 1945. Aqui acrescentamos algumas informações de ordem geral, pois o relatório de então devia se restringir exclusivamente ao funcionamento dos serviços sanitários do Campo de Monowitz. O governo de Moscou também solicitou relatórios análogos a todos os médicos, de qualquer nacionalidade, que haviam sido libertados de outros campos. (LEVI; DE BENEDETTI, 2015, p. 11).

O crítico e organizador das obras completas de Levi, Marco Belpoliti, cita uma “antecipação”, presente no *Relatório*, de algumas características que também seriam encontradas em *É isto um homem?*. Na parte final do escrito, diz ele, há um “resumo” daquilo que seria a primeira narrativa escrita por Levi no retorno do *Lager*, isto é, “História de dez dias”<sup>4</sup>. Construída por uma descrição minuciosa, “[...] essa antecipação, em chave mais ‘científica’ do que literária, é marcada por um forte *pathos* testemunhal, apresentando uma abundância de detalhes em um esquema de exposição muito bem delineado”<sup>5</sup> (BELPOLITI, 1997, p.1379)<sup>6</sup>. O último capítulo de seu livro de estreia conta, em forma de diário, a história dos últimos dez dias no campo, antes da chegada das tropas russas e da libertação. É a história pessoal de Levi: a escarlatina que o acometeu no “momento certo”, o seu esforço em recriar uma existência suportável, abandonado no campo com seus companheiros. O texto da edição definitiva da obra é quase idêntico àquele da edição de 1947 e, por isso, podemos dizer que Levi o considerava, desde a sua primeira versão, – contemporânea ao *Relatório* – bem acabado e definitivo.

---

<sup>4</sup> O último capítulo do livro foi, na verdade, o primeiro a ser escrito, imediatamente após o retorno a Turim, entre outubro e dezembro de 1945. Belpoliti (1997) cita a data do escrito datilografado como sendo 1 de fevereiro de 1946, assim como Fadini (2009), enquanto Thomson (2007) cita 7 de fevereiro de 1946. As datas conflitantes, porém, não são significativas, pois, de fato, esse foi o primeiro capítulo terminado por Levi, segundo suas próprias declarações. Esse capítulo de *É isto um homem?* e o *Relatório sobre Auschwitz* foram escritos ao mesmo tempo, período no qual Levi começava a dar forma a seu testemunho, partindo das lembranças mais recentes, os dez dias antes da liberação. Dessa forma, é possível traçar um paralelo entre ambos, fazendo uma comparação que demonstra a origem da literatura do autor, bem como a base científica dessa literatura.

<sup>5</sup> “*Questa anticipazione, in chiave più ‘scientifica’ che letteraria, è contrassegnata da un forte pathos testimoniale, che presenta un’abbondanza di dettagli in uno schema espositivo ben delineato*”. (BELPOLITI, 1997, p.1379, grifo do autor).

<sup>6</sup> A tradução dessa e das demais citações publicadas na língua italiana são de minha autoria.

Apesar de claramente se constituir como a gênese de *É isto um homem?*, o *Relatório sobre Auschwitz* é, a princípio, um texto de natureza diversa que nasce a partir de um propósito diferente, informativo e, quando chega à Itália, é publicado em uma revista médica especializada, para um público específico. O texto, que ficou esquecido por mais de quarenta anos, só foi redescoberto em 1991, por Alberto Cavaglion. Podemos considerá-lo o primeiro escrito de Levi sobre o “universo concentracionário”: a versão publicada na *Minerva Médica* é efetivamente baseada no relatório entregue aos russos ainda em Katowice, na primavera de 1945.

As raízes da literatura de Primo Levi estão fincadas na memória e na necessidade de narrar, e se constituem a partir de uma mente científica, influenciada diretamente pela ciência que o formou, a química. O autor sempre destacou que a sua literatura nasceu da necessidade de contar: desde o campo de concentração, diz ele em várias entrevistas, sonhava com poder narrar sua história, e temia não ser ouvido. Em um famoso trecho de seu primeiro livro, faz referência a um sonho, no qual contava a sua experiência, os fatos presenciados e vividos, enquanto as pessoas viravam as costas e demonstravam não querer ouvir. Após a liberação, quando entra no trem que o levaria de Verona a Turim, após meses como prisioneiro, primeiro dos alemães e depois dos russos, Levi começa a contar sua história aos desconhecidos companheiros de viagem:

Escrever havia se tornado para mim uma necessidade, para me libertar de um peso que carregava comigo: muitos daqueles que sobreviveram em Auschwitz, sobreviveram exatamente para contar. E eu, antes de escrever, contei aquelas histórias. Falava com todos, nos trens, nos bondes, logo que conseguia atrair a atenção de alguém. [...] Sentia, ainda mais que no *Lager*, a ofensa que havia sofrido, e entendia que o único modo de me salvar era contar. A escrita é um ato de libertação: se não tivesse escrito, provavelmente teria permanecido como um condenado na terra.<sup>7</sup> (LEVI, 2018, p. 122).

Em novembro de 1945, Levi escreve aquele que seria, pelo que conhecemos até hoje, seu segundo texto sobre a experiência no *Lager*. Trata-se de uma carta enviada a parentes que haviam se refugiado no Brasil, por ocasião da imposição das leis raciais na Itália pelo governo fascista, o que ocorreu em 1938. A carta estava no arquivo familiar dos herdeiros do autor, e permaneceu inédita até 20 de fevereiro de 2019, quando foi publicada pelo jornal de Turim, *La Stampa*, após ser cedida pelos filhos de Levi, Lisa e Renzo, como parte das comemorações pelo centenário do nascimento do pai.

O escrito em questão foi enviado por Primo Levi e família aos tios e primos que, naquele ano, residiam em São Paulo, à rua Antônia de Queiroz, número 52, no bairro da Consolação. No final de 1945, ali vivia a sua tia materna, a dona-de-casa Nella

---

<sup>7</sup> “Lo scrivere era diventata per me una necessità, per liberarmi da un peso che portavo dentro: molti di quelli che erano sopravvissuti ad Auschwitz erano sopravvissuti proprio per raccontare. E io, prima di scrivere, avevo raccontato quelle storie. Parlavo con tutti, sui treni, sui tram, appena riuscivo a suscitare l’attenzione di qualcuno. [...] Sentivo più ancora che nel Lager l’offesa che avevo ricevuto, e capivo che l’unico modo di salvarmi era il raccontare. Lo scrivere è stato un atto di liberazione: se non avessi scritto, probabilmente sarei rimasto un dannato in terra” (LEVI, 2018, p. 122).

Luzzati Avigdor, com o marido, o engenheiro Emilio Avigdor – que seria funcionário das Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo – e os filhos Paolo e Anna Lisa Avigdor. A família chegara ao Brasil no dia 12 de julho de 1939, fugindo das leis raciais e da perseguição do governo fascista, e desembarcara do vapor “Conte Grande”, no porto de Santos. Assim como muitos italianos de origem judaica, que conseguiram fugir naqueles anos de hostilidade antissemita, e também driblar o antissemitismo na política do Estado Novo de Getúlio Vargas, por meio de documentos falsos ou da boa vontade de funcionários dos consulados brasileiros na Europa, parte da família de Levi se estabeleceu na América do Sul. Além dos tios e primos da família Avigdor, os primos Paolo Emilio Levi e Franco Ugo Levi, filhos do tio paterno Enrico, chegaram ao Brasil através do porto do Rio de Janeiro, para depois estabelecer residência também em São Paulo. Outra parte da família materna migrou para a Argentina. Todos eles voltaram para a terra natal após o fim da guerra.

Considerando a carta enviada ao Brasil, Ernesto Ferrero (2019, p. 25), estudioso que conviveu com o autor e que preside o *Centro Internazionale di Studi Primo Levi*, diz que “[...] se excluirmos o memorial sobre a organização médica no campo de Monowitz [...], é a primeira vez que Primo escreve difusamente sobre a tragédia da qual escapou”<sup>8</sup>. Os trechos abaixo reproduzidos são da tradução para o português<sup>9</sup>:

**“Não éramos mais homens”**

**Turim, 26/11/1945**

Caríssimos tios e primos,

Fui encarregado pela família de escrever a vocês, algo que faço com muito prazer, até porque creio ser o quem tem coisas mais interessantes a contar. Acredito que já saibam de meu retorno e, além disso, tenham uma ideia do que era a Itália de dois anos, um ano atrás. Dito isto, aqui vai um resumo de minha história.

Em novembro de 1943, entrei num grupo de *partigiani* em Brusson (Aosta). Em 13 de dezembro de 1943, fui preso por uma patrulha da Milícia republicana fascista: estávamos ainda em fase de preparação, não estávamos armados: não houve confronto. Comigo foram presos dois rapazes e duas amigas minhas, ambas judias: Vanda e Luciana. Estávamos com documentos falsos: apesar disso, decidimos (nós três) admitir que éramos judeus, acreditando que seria a única forma de justificar nossa presença ali e de evitar a condenação por atividade *partigiana*. Fomos, de fato, absolvidos: mas, como judeus, enviados a Carpi, para um campo de concentração.

Como temíamos, o lugar nada mais era que a antecâmara da deportação: em 22 de fevereiro de 1944, partimos todos, 650 desesperados, com crianças, mulheres, idosos, 50 confinados em cada vagão de carga, 4 dias e 4 noites de viagem, sem

<sup>8</sup> “Se si esclude il memoriale sull’organizzazione medica nel campo di Monowitz [...] è la prima volta che Primo scrive diffusamente della tragedia cui è scampato” (FERRERO, 2019, p. 25).

<sup>9</sup> A tradução da versão brasileira da carta é de Aislan Camargo Maciera e Maurício Santana Dias. O texto completo foi publicado na edição número 247 da Revista *Cult*, em julho de 2019, acompanhado de um artigo dos dois tradutores, intitulado “A experiência, a memória e a necessidade de narrar”.

dormir, sem água. Vimos desfilar pelas frestas nomes de cidades austríacas, depois tchecas, depois polonesas. Finalmente, à noite, o trem para: já estamos cercados pelo arame farpado, estamos em Auschwitz, na Silésia. Os alemães nos fazem descer, rápidos e metódicos nos dividem em três grupos: 95 homens válidos, 29 mulheres válidas e os outros. Minhas duas companheiras desapareceram na escuridão: não verei mais Vanda.

Digo logo que, de todo o trem, estamos ainda vivos 15. O grupo inteiro dos inválidos foi morto na câmara de gás naquela mesma noite [...]. Raspam-nos os cabelos, tatuam em nossos braços números progressivos, tiram nossas roupas e nos vestem com imundos trapos listrados: não éramos mais homens. Ninguém mais espera sair. No dia seguinte começa o trabalho e, para quem não morre, continuará por 11 meses, sem um só dia de descanso. [...] Faz frio: nevou ainda em abril, o vento sopra gelado dos Cárpatos, fará frio também no verão, e nós passamos o dia todo ao ar livre, mesmo sob chuva.

Depois da primeira semana, a fome já é uma obsessão, é nossa fiel companheira até o fim: à noite, o campo inteiro só sonha com comida. [...] Quatro milhões de judeus cruzaram a porta da câmara de gás. Por três anos, a chaminé escureceu o céu. Mas tudo acontece metodicamente, do modo mais econômico: antes da cremação, são retirados os dentes de ouro dos cadáveres; as cinzas, como material fosfático, vão para as estações experimentais de agronomia.

Eu estive em Monowitz por onze meses. Não era um campo ruim: afora os “selecionados”, os mortos por doença ou espancamento eram cerca de vinte por dia. Soube depois que as condições das mulheres eram muito piores do que as nossas. Os últimos dois meses passei trabalhando como químico, em um laboratório: faltavam homens para os alemães naquele momento, e eu tinha passado num concurso para a vaga: isso contribui para me salvar das doenças, mas não da fome.

Em janeiro de 1945, os russos marcharam com suas forças sobre Cracóvia: no dia 17, os alemães decidiram evacuar a área, reuniram todos os válidos e os arrastaram junto com eles. Pouquíssimos entre esses, que eram a maior parte, se salvaram: uma parte foi morta pelos alemães, a outra morreu de frio e de fome. Cinco dias antes, eu havia contraído escarlatina, e fiquei: é difícil não pensar em um milagre; nunca tinha ficado doente antes. Parece que os SS tinham ordem de nos eliminar também, futuros acusadores: não tiveram tempo. Ficamos abandonados à própria sorte por 10 dias, éramos 800; nesse período, 200 morreram de fome, frio e doença. No décimo primeiro dia, vimos a primeira patrulha russa.

Desde então, a história se torna menos trágica; fiquei até julho em Katowice, em um campo de espera russo; depois de uma inexplicável excursão pela Ucrânia, passei o verão em outro campo russo, dessa vez na Rússia Branca, perto de Bobruisk (Babrujski); finalmente, em 15 de setembro, chegou a ordem de repatriação. A viagem durou 35 dias, passando pela Ucrânia, Romênia, Hungria, Eslováquia e Áustria. Cheguei em casa no dia 19 de outubro, com uma barba à la Cavour e vestido de soldado russo; estou bem, até um pouco gordo demais. Não fazia a mínima ideia se encontraria a família viva e a casa de pé. Luciana também voltou: é médica, não fez trabalhos difíceis. Como creio que sabem, Remo também está a salvo.

Como balanço pessoal, perdi muitos dos meus amigos mais queridos e, conforme retorno à vida civil, sinto mais dolorosa a falta que eles me fazem; me vejo desorientado e atrasado com os estudos e com o trabalho (vocês sabem que antes eu estava empregado em Milão, na Wander, que é uma empresa suíça que fabrica o Formitrol?), aliás, no momento ainda estou desempregado: mas aprendi o alemão e um pouco de russo e polonês, e vi um bom pedaço da Europa que poucos estrangeiros viram.

[...]

Quanto à Itália, talvez saibam alguma coisa daqui. A melhor parte da nossa geração (no Norte: no Sul as coisas ocorreram de forma diferente) participou da resistência contra os alemães e os neofascistas, da luta *partigiana* e da insurreição de abril de 1945. Como costuma acontecer, os melhores morreram, e depois de tudo o cenário foi invadido pela ambição e pela fé duvidosa. As consciências íntegras que sobreviveram estão desiludidas: o fascismo demonstrou ter raízes profundas, muda de nome, estilo e métodos, mas não está morto e, sobretudo, faz resistir aguda a ruína material e moral que provocou no povo. Faz frio, há pouca comida, não há trabalho; floresce o banditismo e, enquanto se fala de democracia social, crescem monstruosos e novos capitalismo nascidos do comércio ilegal, do mercado negro: é a aristocracia mais antissocial. A guerra acabou, mas ainda não há paz.

Por todas estas razões, me interessaria muito receber informações de vocês, sobre suas condições de vida: possibilidade de trabalho para técnicos, grau de xenofobia, custo de vida, desenvolvimento da indústria. Não tenho ainda nenhum projeto preciso, por isso, tudo pode me interessar.

[...]

Embora não tenha uma ideia clara da sua situação aí, leio com certa surpresa que vocês falam em voltar. É somente uma impressão pessoal minha, mas me parece um pouco prematuro: acredito que ainda acontecerão fatos surpreendentes na Europa. Recebemos por volta do último dia 23 o pacote endereçado à via Lamarmora, e também o endereçado a Livorno, e lhes agradecemos coletivamente: certas coisas não costumamos ver por aqui todos os dias. Muitos beijos a todos, esperamos sempre suas notícias.

Primo

Ia me esquecendo de dizer que, em fevereiro de 1945, logo que os russos permitiram, não podendo escrever para Turim ainda nas mãos dos alemães, escrevi uma longa carta para vocês que, evidentemente, se perdeu. (LEVI, 2019, p. 38-39).

A carta de 1945, assim como o *Relatório*, que seria publicado somente no ano seguinte, antecipa, além de um esboço da história a ser contada, as marcas do estilo da escrita de Primo Levi. Surpreendentes são os trechos de discreta ironia (“Fui encarregado pela família de escrever a vocês... até porque creio ser o quem tem coisas mais interessantes a contar”; “Monowitz não era um campo ruim”), análoga à expressão “Por minha sorte fui deportado...” que inicia o prefácio de *É isto um homem?*, como também a sobriedade de uma narrativa clara e concisa, que seria característica indissociável de sua literatura.

Levi demonstra, já nos escritos que originariam a sua grande e complexa obra literária, o estilo de um escritor apegado ao detalhe e à exatidão, expondo criteriosamente números, nomes, datas e lugares.

Um ponto interessante da missiva é o interesse que Levi demonstra pelo Brasil: ao perguntar aos primos como era a vida por aqui naquele momento, o custo de vida e o nível de xenofobia, o autor deixa evidente a possibilidade de emigração e o Brasil como um destino ao menos cogitado. A esse respeito, é importante destacar que a família de Levi, nos primeiros anos da implantação das leis raciais, já havia pensado na possibilidade de migrar para o nosso país. Segundo a mais recente biografia do autor, *Primo Levi*, do inglês Ian Thomson<sup>10</sup>, em 1938, após as leis raciais de Mussolini, a família de Levi estava preocupada, tanto com as novas leis, quanto com as notícias que chegavam do exterior. Todos os judeus encontravam-se na mesma situação e a atmosfera antissemita crescia. Isso fez com que um tio de Primo Levi, chamado Oreste Colombo, fosse no dia 19 de dezembro ao consulado francês de Turim com o objetivo de obter um visto para viver na França. O desejo de Colombo, como afirma Thomson (2007, p. 113), era o de “migrar para um país ainda civilizado”, mas, um dia antes, o cônsul francês havia decidido deixar de fornecer vistos para estrangeiros de origem judaica.

O biógrafo expõe ainda que no dia de Natal daquele ano, os irmãos Cesare (pai de Primo Levi) e Enrico (pai de Paolo Emilio e Franco Ugo, que vieram para o Brasil), reuniram-se com uma tal senhora Giaccone, uma rica católica que estava vendendo uma fazenda localizada no Brasil. Thomson (2007, p. 113-114) escreve que depois de uma longa deliberação, a propriedade brasileira foi comprada conjuntamente pelos três irmãos Levi – Cesare, Mario e Enrico – além de Oreste Colombo, e que chegou-se a discutir a possibilidade de Primo Levi viver no Brasil caso a situação ficasse insustentável na Itália.

A fazenda ficava no Estado de Santa Catarina, na fronteira com o Uruguai<sup>11</sup>, e, ao que parece, era uma propriedade imensa, com gado e bosques. A perseguição de Mussolini havia obrigado os Levi a considerar a emigração, mas as leis do governo fascista os proibiam de sacar do país mais de 2.500 liras.

Os Levi pagaram a fazenda em dinheiro. A grana saiu ilegalmente do país, levada pela senhora Giaccone e pelos dois filhos de Enrico — Paolo e Franco. Ao chegar ao Brasil, no entanto, a família se deu conta de que o contrato era pouco confiável e que criminosos tinham interesses na propriedade. [O sítio] “O Raimundo” foi vendido de novo depois da guerra. Levi nunca esteve ali.

(THOMSON, 2007, p. 114).

Voltando ao período que antecede a estreia de Levi como escritor, e tratando da gênese do livro, o primeiro escrito que rigorosamente seria parte de *É isto um homem?* é um

---

<sup>10</sup> A biografia de Thomson, escrita originalmente em inglês, conta com uma tradução em espanhol e uma recente tradução em italiano. A edição aqui utilizada é a espanhola.

<sup>11</sup> Aqui trata-se, evidentemente, de um equívoco do biógrafo, já que o estado de Santa Catarina não faz fronteira com o Uruguai.



texto de quatorze páginas, “História de dez dias”, datado pelo autor: fevereiro de 1946. O fato de Levi datar seus escritos facilita o trabalho dos estudiosos que se debruçam sobre a sua obra. Portanto, o *Relatório sobre Auschwitz* (considerando a primeira versão entregue aos russos em Katowice, e que se perdeu), a carta enviada aos parentes no Brasil e o escrito “História de dez dias” constituem esboços – sobretudo nos dois primeiros casos – daquilo que se tornaria o seu primeiro livro.

Os primeiros meses de 1946 são, efetivamente, decisivos para Levi. Retornado da prisão há apenas três meses, vivia em um país paradoxalmente arrasado pela guerra e esperançoso: “[...] a carne e o carvão ainda estavam racionados, ninguém possuía automóvel e jamais, na Itália, se havia respirado tanta esperança e tanta liberdade” (LEVI, 1994, p. 151). O período corresponde ao momento de elaboração dos textos que iriam constituir, em um futuro próximo, uma das principais obras da literatura do século XX. No capítulo “Cromo”, de *A tabela periódica* – seu quinto livro, lançado em 1975 – Levi conta os detalhes daquele momento:

Mas eu retornara do cativeiro há três meses, e vivia mal. As coisas vistas e sofridas me queimavam por dentro [...]. Me parecia que, para purificar-me, só através da narração [...]. Escrevia poemas concisos e sangrentos, narrava vertiginosamente, tanto por escrito como oralmente, tanto que pouco a pouco nasceu daí um livro: escrevendo, encontrava um pouco de paz e me sentia de novo um homem, igual a todos, nem mártir nem infame e muito menos santo, um daqueles que criam família e olham para o futuro antes que para o passado. (LEVI, 1994, p. 151).

Ainda nos primeiros meses de 1946, Levi é empregado em uma fábrica de tintas, a Duco-Montecatini, localizada em Avigliana, nos arredores de Turim. Todos os dias, nos aproximadamente trinta minutos de deslocamento entre a sua casa e o trabalho, fazia questão de contar sua história a quem cruzasse seu caminho: seus interlocutores, como repetirá algumas vezes, eram amigos, parentes, desconhecidos. Na fábrica de tintas, Levi afirma que sentado à sua escrivaninha “claudicante”, num “canto apertado cheio de ruídos”, “[...] escrevia desordenadamente páginas e mais páginas de recordações que me envenenavam, e os colegas me olhavam furtivamente como a um desequilibrado inofensivo”. Afirma ainda que o livro saía de suas mãos “[...] quase espontaneamente, sem plano nem sistema, intrincado e repleto como um formigueiro” (LEVI, 1994, p. 151).

De fato, assim como afirma no capítulo “Cromo”, Levi trabalhou em algumas poesias entre o final de 1945 e o início de 1946. Nesses primeiros anos, após o retorno para casa, e na iminência de estrear como escritor, Levi publicou uma dezena de poemas no periódico *L'amico del popolo*. A primeira publicação do autor, efetivamente, foi um poema, em junho de 1946, intitulado “Buna Lager”.

Entre março e maio de 1947, o mesmo periódico semanal, da Federação do Partido Comunista de Vercelli, e dirigido pelo amigo Silvio Ortona, publicou alguns textos que se transformariam em capítulo de *É isto um homem?*, que seria lançado em outubro daquele ano. Foram eles: “A viagem” (29 de março de 1947); “No fundo” (5 de abril de

1947); “Häftling” (17 de maio de 1947); “As nossas noites” (24 de maio de 1947) e “Um incidente” (31 de maio de 1947)<sup>12</sup>. Além dos textos publicados no jornal do Partido Comunista de Vercelli, Levi publicou, em agosto de 1947, na revista *Il Ponte*, dirigida por Piero Calamandrei, o capítulo “Outubro de 1944”, dedicado à última grande seleção do campo de Monowitz, contada também no *Relatório* publicado anteriormente. Ao que tudo indica, a primeira versão da obra estava pronta desde o final de 1946.

### A publicação pela De Silva (1947)

Porém, a primeira tentativa de levar a narrativa de sua experiência ao grande público foi dificultada. *É isto um homem?* segue um caminho editorial turbulento, passando por sucessivas recusas – de acordo com Levi, foram três grandes editores que recusaram seus manuscritos – até chegar à primeira publicação. Naquele momento, imediatamente posterior aos eventos da Segunda Guerra, o autor pode ter sido considerado apenas mais uma testemunha, dentre tantas outras, querendo trazer à luz sua experiência. Obviamente, a qualidade literária de seus escritos não foi considerada e, mais do que isso, aquele contexto não parecia ser propício para aquele tipo de publicação, como o próprio autor irá destacar ao longo dos anos em suas entrevistas a respeito.

As hipóteses para a refutação foram expostas mais de uma vez, e especuladas pela crítica italiana ao longo dos tempos: o fato de Levi cultivar o conto breve, para depois uni-los em uma narrativa, e não escrever narrações contínuas, com uma estrutura lógico-temporal, de causa e efeito, como eram os ditames do romance realista-naturalista ou simbolista, que ainda se cultivavam (MATTIODA, 2011, p. 34-36), pode ter sido um dos fatores dessa negação. Podemos somar a esse fator uma espécie de necessidade inversa àquela de Levi: enquanto ele sempre afirmou ter, mais do que um desejo, uma necessidade de contar o que testemunhou no *Lager*, outros sobreviventes preferiram o silêncio e o esquecimento. Alguns assim permaneceram pelo resto de suas vidas; outros, como Jorge Semprún, escreveram somente décadas mais tarde. O fato é que havia, ao lado da necessidade apresentada por Levi, a outra face da moeda, outra necessidade, a de esquecer e não recordar aquele evento, aquela ferida da história do século XX.

Uma das principais discussões em torno desse argumento na crítica *primoleviana* envolve o fato de o livro ter sido refutado por Natalia Ginzburg, escritora de origem judaica, então editora da Einaudi. Natalia era viúva de Leone Ginzburg, um dos principais intelectuais antifascistas das décadas de 30 e 40, que fora morto em 1944 pelos alemães na prisão, em Roma, por ter se recusado a colaborar com o regime. Levi frequentemente falava da recusa inicial da Einaudi, e todos sabiam que a responsável fora Natalia, apesar de quase sempre ele não citar o seu nome. O autor, porém, nunca se demonstrou decepcionado por aquilo e, pelo contrário, procurava explicar que entendia o porquê da editora.

---

<sup>12</sup> Todos os textos, alguns um pouco modificados, seriam futuros capítulos de *É isto um homem?*, com exceção de “Um incidente”, que é parte do capítulo “Ka-Be”, e “Häftling”, que se transformou em subcapítulo de “No fundo”.

É necessário pensar que naquele momento Natalia saía de um período tremendo, era a viúva de Leone Ginzburg e então entendo muito bem a sua refutação, que expressava uma refutação mais ampla, coletiva. Naquele tempo, as pessoas tinham outras coisas para fazer. [...] não tinham vontade disto, tinham vontade de outras coisas, de dançar, por exemplo, de fazer festas, de trazer filhos ao mundo. Um livro como este meu e como muitos outros que nasceram depois, era quase uma grosseria, uma festa arruinada.<sup>13</sup>  
(LEVI, 2018, p. 669).

Obviamente, podemos questionar se, no momento da recusa, Levi teria se sentido exatamente assim, já que a maior parte das declarações que deu sobre o assunto são de décadas mais tarde, quando já havia atingido o sucesso de público e crítica. Em uma conversa com Ian Thomson, Levi (2018, p. 710) declara que a recusa por parte da Einaudi foi na verdade um golpe de sorte, pois “[...] se tivesse obtido sucesso imediato com *È isto um homem?*, talvez teria abandonado a carreira de químico e, sem a química, jamais teria escrito *A tabela periódica*”<sup>14</sup>.

Natalia Ginzburg, por sua vez, declarou que a recusa, que muitos diziam que teria partido exclusivamente dela, foi uma decisão coletiva daqueles que eram responsáveis pelas publicações da Einaudi. Em uma entrevista de 1987, a autora diz que além dela, Cesare Pavese e outros editores também estiveram de acordo “[...] que aquele não era o momento de publicar a obra de Levi, não por censura judaica, mas porque seria mais um entre tantos livros de testemunhos sobre o *Lager* que saíam naquele tempo: era melhor esperar”<sup>15</sup> (ORENGO, 1987, p. 3)<sup>16</sup>.

A recusa da publicação só aconteceu porque Levi fora encorajado pelos amigos que leram seus primeiros escritos sobre a prisão a levar suas memórias às editoras. Após a negativa da Einaudi, ele foi aceito pela pequena editora Francesco De Silva, de Franco Antonicelli, grande intelectual antifascista de Turim. A publicação passou pelo crivo de Alessandro Galante Garrone, presidente do *Comitato di Liberazione Nazionale del Piemonte*, que havia lido o manuscrito no fim de 1946, a pedido da irmã de Primo Levi,

---

<sup>13</sup> “*Bisogna pensare che allora Natalia usciva da un periodo tremendo, era la vedova di Leone Ginzburg e quindi capisco abbastanza bene il suo rifiuto che esprimeva un rifiuto più ampio, collettivo. A quel tempo la gente aveva altro da fare. [...] non aveva voglia di questo, aveva voglia di altro, di ballare per esempio, di fare feste, di mettere al mondo dei figli. Un libro come questo mio e come molti altri che sono nati dopo, era quasi uno sgarbo, una festa guastata*” (LEVI, 2018, p. 669).

<sup>14</sup> “*Se avessi ottenuto un immediato successo con *Se questo è un uomo*, forse avrei abbandonato la mia carriera di chimico, e, senza chimica, non avrei mai scritto *Il sistema periodico*” (LEVI, 2018, p. 710).*

<sup>15</sup> “*Mi ricordo che, oltre a me, l’aveva letto Cesare Pavese, ma anche altri che ora non ricordo. Pavese disse che forse non era il momento adatto per fare uscire *Se questo è un uomo*, ma non per censura ebraica, ma perchè sarebbe andato disperso fra i tanti libri di testimonianze sui Lager che uscivano in quel tempo. Disse che era meglio aspettare*”. (ORENGO, 1987, p. 3).

<sup>16</sup> Sobre a entrada de Levi no universo da literatura, mas, principalmente, sobre seu ingresso na Einaudi, antes como consultor e tradutor, e depois como escritor e colaborador, ver Ferrero (2009). O livro narra, em forma de romance, os anos de ouro da Editora Einaudi, de seu fundador e seus colaboradores, entre escritores, funcionários etc.

Anna Maria, também membro do CLN. Garrone aconselha Antonicelli a publicá-lo, dizendo que o manuscrito era “superior aos outros que ele leu do gênero” e que não era “somente um documento histórico, mas, em muitas de suas páginas, uma coisa bela”<sup>17</sup>.

A crítica que se preocupou com a obra no período de seu lançamento, e nela reconheceu algum valor, pareceu enxergar naquele químico um potencial escritor. Lorenzo Gigli (1947), por exemplo, fala da abordagem científica da realidade. Ao comentar a obra de Levi, pontuando que muito já se tinha escrito a respeito dos crimes cometidos pelos nazistas nos campos de extermínio, o crítico diz que nenhum relato o havia chamado a atenção como “[...] o diário de Primo Levi, onde a “demolição” científica do indivíduo é narrada em termos de fria crônica, sem a mínima concessão”<sup>18</sup>. Gigli (1947) concebe o “diário” como uma exposição do “[...] inferno sobre a Terra, não tanto pelos episódios aos quais se refere, mas sim pelos significados que contém e perspectivas que abre”<sup>19</sup>. Segundo o crítico, “o diário de Levi” é escrito com um intuito diferente da acusação e da vingança. É mais uma contribuição “ao estudo da condição humana”, que tem intenção de relatar “a experiência biológica e social da vida no campo [...]: a luta feroz para sobreviver, a seleção dos indivíduos, os fortes e astutos se salvam, os fracos submergem”<sup>20</sup> (GIGLI, 1947).

Das primeiras críticas, a que mais se destaca é a feita por Italo Calvino, publicada meses depois do lançamento do livro, e que tece elogios à capacidade narrativa do autor, capaz de narrar o inenarrável, comunicar o incomunicável, aquilo que “passa todos os limites do dizível e do humano”:

[...] Primo Levi nos deu um magnífico livro sobre os campos de concentração, que não é só um testemunho efficacíssimo, mas tem páginas de autêntica potência narrativa, que permanecerão em nossa memória entre as mais belas da literatura sobre a Segunda Guerra mundial.

[...] Levi não se limita a deixar falar os fatos, os comenta sem forçar a voz [...]. Estuda com pacata sinceridade o que resta de humano em quem foi posto a uma prova que de humano não tem nada.<sup>21</sup> (CALVINO, 1948).

---

<sup>17</sup> “*nel giudicarlo superiore a quanto finora mi è accaduto di leggere in quel genere [...]*” “*Mi pare non sia soltanto un documento storico e umano di grande rilievo (...) ma in molte e molte sue pagine, una cosa bella*”.

Carta do Arquivo do Centro di studi Piero Gobetti, “Fondo Antonicelli”, em Turim (*apud* BUCCIANINI, 2011, p.147).

<sup>18</sup> “[...] *il diario di Primo Levi, dove la “demolizione” scientifica dell’individuo è narrata in termini di fredda cronaca senza la minima concessione*” (GIGLI, 1947).

<sup>19</sup> “[...] *inferno sulla Terra non tanto per gli episodi che riferisce, quanto per i significati che racchiude e le prospettive che spalanca*.” (GIGLI, 1947).

<sup>20</sup> “*Non per spirito di vendetta né per aggiungere altri capi d’accusa, bensì per un contributo allo studio della condizione umana. [...] Un’altro aspetto è il valore di esperienza biologica e sociale della vita nel campo [...]: la lotta feroce per sopravvivere, la selezione degli individui, i forti ed astuti si salvano, i deboli vanno sommersi*”. (GIGLI, 1947).

<sup>21</sup> “[...] *Primo Levi ci ha dato su questo argomento [i campi d’annientamento] un magnifico libro che non è solo una testimonianza efficacissima, ma ha delle pagine di autentica potenza narrativa, che rimarranno nella nostra memoria tra le più belle della letteratura sulla Seconda guerra mondiale.*

[...] *Levi non si limita a lasciare parlare i fatti, li commenta senza forzar mai la voce*

A grande experiência da vida de Levi, antes narrada oralmente aos amigos nos círculos sociais ou nos passeios ao longo do rio Pó, tem a possibilidade de chegar ao grande público, pela primeira vez, dois anos depois de sua volta para casa. Mas o testemunho parece ter tido mais um efeito de curiosidade do que propriamente de alarme ou, para melhor dizer, reflexão sobre aquela experiência. O “diário da deportação” – maneira como a obra foi tratada durante muito tempo – não atinge o sucesso editorial: com uma tiragem de 2500 exemplares, a edição teve em torno de 1500 cópias vendidas e, segundo pesquisas mais recentes do *Centro Internazionale di Studi Primo Levi*, ficou restrita aos leitores de Turim<sup>22</sup>.

### A publicação pela Einaudi (1958)

Entre a publicação de *Se questo è una uomo* pela De Silva e o contrato para a edição einaudiana, assinado em julho de 1955, Levi desencorajou-se a escrever. Em entrevista de 1986, o autor diz:

A primeira edição foi lida por poucas pessoas, mas muito exaltada pelos críticos, inclusive por críticos muito importantes. Mas tudo acabou ali.

Eu, por outro lado, não chorei por isso, porque me parecia ter cumprido o meu dever cívico. Havia me livrado de um peso, curei-me escrevendo. Puxei os remos para o barco, considerei fechado o capítulo, não digo literário, porque não pensava na literatura...<sup>23</sup> (LEVI, 2018, p. 669).

Porém, a partir da publicação por parte da Einaudi, a obra começa a construir-se no panorama da literatura italiana como um sucesso. Alguns fatores contribuíram para a credibilidade da obra: um dos principais foi a palestra proferida por Levi, por ocasião do décimo aniversário da liberação e do fim da guerra, em 1955. Nela, os jovens presentes dirigiram muitas perguntas ao autor, o que sugeria que aquela geração – diferentemente da antecessora – estava sim interessada em saber o que tinha acontecido durante o grande conflito da década anterior. Assim, o volume é reproposto à Einaudi para a publicação e, graças à intervenção do crítico literário Luciano Foà, é aceito em 1955. O lançamento, porém, se dá somente em 1958, devido a uma crise financeira pela qual passava a editora

---

[...] *Studia con pacatezza accorata cosa resta di umano in chi è sottoposto a una prova che di umano non ha nulla.*” (CALVINO, 1948).

<sup>22</sup> O *Centro Internazionale di Studi Primo Levi* leva adiante, a partir de 2018, uma pesquisa que busca o destino das 1500 cópias vendidas do livro primogênito de Levi. A intenção é mapear as edições e, porventura, encontrar as histórias que há por trás delas. Uma mostra dedicada às cópias dessa primeira edição, organizada pelo centro de estudos, ocorreu entre os meses de novembro e dezembro de 2018, na Biblioteca Nacional de Turim.

<sup>23</sup> “*La prima edizione fu letta da poche persone, ma molto lodata dai critici, anche dai critici molto importante. Però tutto è finito lì.*

*Io d'altra parte non mi sono mica messo a piangere per questo, perchè mi pareva dia ver fatto il mio dovere civico. Mi erro sollevato di un peso; ero guarito scrivendo. Ho tirato i remi in barca, ho considerato chiuso il capitolo, non dico letterario, perchè non pensavo alla letteratura...*” (LEVI, 2018, p. 669).

naqueles anos. Outro que muito contribuiu para a publicação foi Paolo Boringhieri, responsável pela edição dos livros de divulgação científica da Einaudi. Levi colaborou como tradutor da editora desde 1951, quando firmou contrato para traduzir *Organic Chemistry*, de Henry Gilman, assim como nos conta Giulia Boringhieri (2010, p. 184-185):

Em 22 de março de 1951 a Einaudi estipula um contrato de tradução para o primeiro volume de *Organic Chemistry* di Henry Gilman, com um químico dividido entre o trabalho em uma fábrica de tintas de Settimo Torinese e a escrita, da qual, até aquele momento, tinha tido pouca satisfação. Cinco anos antes tinha proposto à Einaudi a publicação de um livro escrito por ele logo depois de ter voltado para casa do lager de Auschwitz, mas a Einaudi, por meio de Natalia Ginzburg, o havia refutado, considerando-o inadequado para o momento [...].<sup>24</sup>

O bom trabalho com o livro de Gilman fez com que Paolo Boringhieri propusesse a Levi um acordo de colaboração exclusiva e continuada para a editora, no qual receberia uma compensação financeira para realizar traduções, revisões, leituras de rascunhos, livros e artigos para o “Notiziario Einaudi”. Boringhieri destaca para os responsáveis da editora a pontualidade e o profissionalismo de Levi, e expõe que gostaria de ver o seu *Se questo è una uomo* novamente publicado, já que a obra tinha desaparecido do mercado e nunca mais fora reimpressa. É, segundo Giulia Boringhieri (2010) o primeiro e único caso no qual seu pai assumiu o papel de intermediário entre a editora e um autor que não fosse propriamente do campo científico.

O livro seria republicado somente em 1958, como um testemunho, na coletânea de ensaios “*Saggi*”, e não como uma narrativa, destituindo-o, de certa forma, de seu caráter literário. Somente em 1963, depois do sucesso de *A tréguia*, a obra é reclassificada e passa a ser um título da coletânea de narrativas “Coralli”. A partir de 1965, começa a fazer parte da coletânea de leituras para a escola média (“*Letture per la scuola media*”), tornando-se um clássico da leitura estudantil. Entre a primeira publicação, em 1947, e a segunda, em 1958, Levi trabalha na revisão do texto, transformando, em mais de um ponto, o seu aspecto, e integrando notáveis ampliações: mais ou menos vinte páginas, e um capítulo a mais – “Iniciação”; algumas substituições lexicais, que apresentam palavras escolhidas com uma precisão definitiva; a adição de fatos anteriores à partida de Fossoli; alusões dantescas e revisão de estrangeirismos. As reformulações, porém, pouco modificam o valor testemunhal e expressivo da primeira edição, que permanece indiscutível, mas acrescentam intensidade, reforçam a precisão e o sentido. A obra vem definitivamente concluída, em edição definitiva, somente em 1976, com um apêndice do próprio autor, numa espécie

---

<sup>24</sup> “Il 22 marzo del 1951 l'Einaudi stipula un contratto di traduzione per il primo volume di *Organic Chemistry* di Henry Gilman con un chimico diviso fra l'impiego in una fabbrica di vernici di Settimo Torinese e la scrittura, dalla quale fino a quel momento aveva ricevuto scarse soddisfazioni. Cinque anni prima aveva proposto all'Einaudi di pubblicargli un libro da lui scritto di getto subito dopo essere tornato a casa del lager di Auschwitz, ma l'Einaudi, per bocca di Natalia Ginzburg, lo aveva respinto ritenendolo inadatto al momento [...]” (BORINGHIERI, 2010, p. 184-185).

de autoentrevista na qual esclarece as dúvidas mais suscitadas em seus diversos colóquios, sobretudo com os estudantes da escola média italiana.

A publicação pela Einaudi traz consigo o reconhecimento de Levi como escritor, além de mais numerosas críticas publicadas a respeito da obra. O valor literário do testemunho daquele químico é destacado, e a potência narrativa de seus escritos acaba chamando a atenção do grande público. Porém, muitas vezes ainda a obra de Levi seria classificada como um “valioso testemunho”, um “documento histórico relevante”, sendo colocada ao lado do *Diário* de Anne Frank e de *A espécie humana*, de Robert Antelme. Obviamente, o distanciamento temporal, e o conjunto de obras do autor, permite-nos afirmar que seu livro de estreia foi muito mais do que uma narrativa memorialística ou testemunhal. Foi, em todos os sentidos, um escrito claro e coeso, quase antropológico e etológico, sobre o homem em uma condição extrema e em um contexto de catástrofe, nascido da observação de um cientista que, frequentemente, tenta esclarecer e explicar aquilo que presenciou.

Assim sendo, devido ao alcance que a obra de Levi teve ao longo de seu itinerário como escritor, faz-se cada vez mais necessária a análise daquilo que ela ainda pode trazer ao leitor do século XXI. Seu testemunho não se encerra nas considerações sobre o campo de concentração e não se centra somente na *Shoah*. O autor fez questão de demonstrar, ao longo da vida, que os horrores do *Lager* não se esgotaram com Hitler e os nazistas. Ao contrário, os fascismos ainda teimavam – e pelo que notamos, ainda teimam – em sobreviver, e o autor, assumindo de forma plena seu papel de testemunha, expõe as possíveis transformações e transfigurações daquele modelo político-ideológico para que possamos refletir e agir sobre nossos tempos.

MACIERA, A. C. The genesis of Primo Levi's firstborn book. **Revista de Letras**, São Paulo, v. 59, n. 1, p. 15-31, jan./jun. 2019.

- **ABSTRACT:** *Primo Levi's literature leads us to his emprisonnement in one of the Nazi concentration camps during the second World War. The Italian chemist of Jewish origin lives for almost a year as a prisoner of the Germans in the Monowitz camp (Auschwitz III), and survives, according to himself, thanks to a series of factors that combined and determined his return back home. His literature is born precisely from this experience: the memory and the need to narrate, allied to his training as chemist and to his humanist and scientific mind, are the starting point of a work that will decisively mark the twentieth century and make him one of the leading Italian authors from the Novecento. This article intends to expose the genesis of Primo Levi's literature, addressing the first texts written by the author between 1945 and 1947, the year of the first edition of "Is this a man?", and to discuss the history of the first publication by the great publisher Einaudi in 1958.*
- **KEYWORDS:** *Italian narrative. Primo Levi. Testimonial Literature. Memory.*

## Referências

- BELPOLITI, M. Note ai testi. *In*: LEVI, P. **Opere**. Torino: Einaudi, 1997. v.1-2, p.1379.
- BORINGHIERI, G. **Per uma umanesimo científico**: storia di libri, di mio padre e di noi. Torino: Einaudi, 2010.
- BUCCIANTINI, M. **Esperimento Auschwitz**. Torino: Einaudi, 2011.
- CALVINO, I. Un libro sui campi della morte: se questo è un uomo. **L'Unità**, Roma, 6 magg. 1948. Não paginado.
- FADINI, M. Su una avantesto di Se questo è una uomo: uma nova edição del Rapporto sul Lager di Monowitz del 1946". **Filologia italiana**, [s.n.], n. 5, p. 209-240, 2009.
- FERRERO, E. **I migliori anni di nostra vita**. Milano: Feltrinelli, 2009.
- FERRERO, E. C'è già in quel texto la voglia, l'urgenza, il dovere del racconto. **La Stampa**, Torino, p.25, 21 febr. 2019.
- GIGLI, L. Erano uomini. **Gazzetta del Popolo**, Torino, 7 dic. 1947. Não paginado.
- LEVI, P. **Se questo è un uomo**. Torino: Einaudi, 1976. (Lecture per la Scuola Media).
- LEVI, P. Cromo. *In*: LEVI, P. **A tabela periódica**. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. p. 147-158.
- LEVI, P. **É isto um homem?** Tradução de Luigi del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.
- LEVI, P. **Os afogados e os sobreviventes**. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- LEVI, P. **Opere**. Torino: Einaudi, 2018. v.3.
- LEVI, P. Não éramos mais homens. Tradução de Aislan Camargo Maciera e Maurício Santana Dias. **Cult**, São Paulo, n. 247, p. 38-39, 2019.
- LEVI, P.; DE BENEDETTI, L. Rapporto sulla organizzazione igienico-sanitária del campo di concentramento per Ebrei di Monowitz: Auschwitz-Alta Slesia. **Minerva Medica**, Torino, v. 37, p. 535-544, luglio-dic. 1946.
- LEVI, P.; DE BENEDETTI, L. **Assim foi Auschwitz**. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- MATTIODA, E. **Levi**. Roma: Salerno, 2011.
- ORENGO, N. Natalia Ginzburg: nessuno censurò a Primo Levi. **La Stampa**, Torino, p.3, 12 luglio 1987.



SANTANA DIAS, M.; MACIERA, A. C. A experiência, a memória e a necessidade de narrar. **Cult**, São Paulo, n. 247, p. 36-37, 2019.

SEGRE, A. **Un coraggio silenzioso**: Leonardo De Benedetti, medico, sopravvissuto ad Auschwitz. Zamorani: Torino, 2008.

THOMSON, I. **Primo Levi**. Tradução de Julio Paredes. Barcelona: Belacqua, 2007.